

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : O Estado de S. Paulo

21

DATA : 22 01 92PG. : 3

Ecologia da miséria

A Alemanha dispõe de US\$ 180 milhões para ajudar o Brasil a conter a devastação da Amazônia. Só não sabe como, não que imita o governo brasileiro... Dinheiro existe, e até demais. Ao todo, os sete países mais desenvolvidos do mundo poderão aplicar US\$ 250 milhões na região, mas também eles não sabem o que fazer. Nem nós. Não existe, na realidade, um projeto de ocupação racional da Amazônia. Os postos em prática até agora não foram projetos, mas leis que apenas permitiram a concessão de incentivos fiscais a quem investisse naquela área, com a condição de manter 50% das florestas. Mas alguém fiscalizou? Ou algum órgão governamental proibiu, naqueles projetos, a adoção de medidas de devastação e de depreciação do solo? Não. Tudo foi feito sem nenhum planejamento, mesmo porque este deveria partir de estudos mais profundos das condições de solo, de desmatamento e de plantio na selva. E tais estudos não existem. Quando muito, o Ibama ataca o governador do Amazonas por pretender o sr. Gilberto Mestrinho dizimar os jacarés que estão invadindo casas e atacando moradores. Mas isso é proibido em nome da sacrossanta ecologia, que deve cuidar, também, do equilíbrio entre as espécies e a natureza. Os alemães se queixam de que há burocracia excessiva, muitos ministérios e órgãos tratando do mesmo assunto, segundo reportagem do nosso correspondente em Berlim, William Waack. O que complica em muito a situação, principalmente porque nenhum desses órgãos ou ministérios entende de Amazônia e não sabe o que fazer. Estabeleceu-se, nos estudos feitos por técnicos internacionais, a pedido das autoridades alemãs, um consenso: *a miséria, a crise econômica e uma falsa política de colonização são*

as principais responsáveis pela destruição do meio ambiente amazônico. De fato, o homem somente destrói a floresta, queimando-a, por não encontrar alternativa. Não dispõe de condições para plantar e precisa sobreviver, mesmo miseravelmente. Não mata tartarugas por esporte, mas para alimentar-se ou vender a carne. Não corta e queima por desfastio. É a isso obrigado. Nesse quadro, o mais certo seria esquecer um pouco as preocupações ecológicas e atentar mais para as condições de vida das populações amazônicas e dos migrantes que acorrem de todo o Brasil para aquela região — a que mais cresce demograficamente, segundo o censo de 1991. Dar instrução, atender à saúde, criar empregos, desenvolver os pólos já identificados, em vez de promover um avanço linear na selva, conforme se tentou com a abertura da Transamazônica — deveria ser um dos pontos a constar da agenda dessa ajuda externa. É a pobreza que fere a ecologia. Trate-se, portanto, primeiro, da ecologia da miséria, para depois se cuidar da preservação das matas.

Esta surgirá quando o homem que depreda não estiver faminto, tiver instrução e não representar apenas mais um elemento da selva perdido na Amazônia. Primeiro, o homem. O resto virá naturalmente.

